

RAÇA E GÊNERO: ATIVISMO VIRTUAL E O FEMINISMO NEGRO

CYNTIA BARBOSA OLIVEIRA¹; MARCUS VINICIUS SPOLLE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – cyntiabaroli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sociomarcus@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A interseccionalidade, definida por Crenshaw como “aspectos multimodais da identidade social” (RODRIGUES, 2020, p. 134) consiste na sobreposição ou implicações concomitantes de sistemas opressivos, nesse sentido o termo tem sido bastante utilizado nas discussões relativas a raça, sobretudo quando essas discussões são acerca das vivências de mulheres negras. Mulheres negras enfrentam preconceito e/ou discriminação em função de sua raça, gênero e muitas vezes, relativos também a classe. É comum ainda que estes venham acompanhados de outras maneiras de discriminação, que podem ocorrer em detrimento de religião, sexualidade, deficiências, entre outras.

Importante compreender que o racismo assume, muitas vezes, um caráter estrutural na sociedade. Às discussões traçadas é importante destacar que o termo raça aqui utilizado é o social, não o biológico e carrega consigo questões implícitas de relações de poder e relações de dominação; de acordo com o explicitado por Munanga (2004) no campo semântico o termo raça comprehende a estrutura global da sociedade e engloba ainda relações de poder. Assim, o racismo estrutural é a exclusão de um número substancial de sujeitos pertencentes a minorias de participações em instituições sociais, essa exclusão é fruto de construções históricas, culturais, interpessoais e institucionais (RODRIGUES, 2020). Santos (2009) destaca a formação patriarcal e etnocêntrica brasileira, esses são pilares formadores da sociedade como é vivenciada atualmente, visto que foi a partir do trabalho escravagista e da grande concentração de terra que deu-se início a estratificação social.

O poder estabelecido na relação de racismo reprimem através de diversas formas de violência e exclusão; as consequências dessas manifestações de poder, pode chegar a casos extremos, definindo inclusive entre vida e morte de uma população já marginalizada. Sabe-se que o racismo faz parte da sociedade e que o poder que indivíduos racistas detém advém de uma construção histórica. Quando se coloca em pauta as questões enfrentadas por mulheres negras, é importante se atentar que tanto questões relativas ao racismo, quanto relativas à heteronormatividade implicam em suas vivências e são maneiras de manifestações de poder que interferem na vivência e até mesmo na construção de identidade dessas pessoas.

O avanço dos meios digitais de tecnologia, a grande difusão das redes sociais estabelece novas formas de interação e comunicação são fatores responsáveis por grande avanço no compartilhamento de experiências e divulgação de diferentes vertentes de conteúdo. Muitos dos movimentos fomentados através das redes sociais buscam a incorporação de mulheres negras em posição de sujeitos ativos na busca por mudanças políticas e sociais (SILVA, 2019), assim, através da ação coletiva o movimento feminista negro e seus desdobramentos toma mais espaço político e social.

2. METODOLOGIA

O trabalho está em fase inicial de desenvolvimento, neste momento os canais do Youtube a serem analisados estão em seleção. O estudo através de uma etnografia virtual é empregado para sua realização.

Zanini (2016) elucida as adequações para a realização de etnografia virtual; a seleção dos canais está sendo realizada a partir da observação de alguns vídeos disponíveis nos canais, os requisitos para uma primeira fase de seleção são: serem canais de mulheres negras, discussão conteúdos referente a negritude e/ou feminismo negro, conta ativa há pelo menos um ano na plataforma do Youtube. Após este primeiro momento, serão efetuados mapas para análise mais atenta dos conteúdos veiculados e assim, realização de seleção para definir os canais que serão efetivamente estudados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O avanço da internet e das tecnologias digitais apresenta várias vertentes e muitas análises possíveis; assim, a utilização de plataformas digitais, sobretudo as redes sociais, como instrumento para compartilhamento de conteúdo tem tomado maiores proporções, as redes utilizadas para esse fim são diversas, tais como: youtube, twitter, blogs, instagram, bem como outros ambientes virtuais.

Pereira e Thé (2019) comentam sobre o processo de naturalização do cabelo de pessoas negras, esse processo gerou o movimento de “Transição capilar”, originalmente nos Estados Unidos. As redes sociais representam parte importante nesse processo, de acordo com estudos, o compartilhamento das experiências de transição são mais do que histórias, são instrumentos de empoderamento e identificação; esse processo tem uma ligação intrínseca com autoestima e construção de identidade (PEREIRA E THÉ, 2019).

A reflexão dessa temática perpassa pelo entendimento de dois importantes movimentos sociais: o “Movimento Negro” e o “Movimento Feminista”. As contribuições advindas do “Movimento Negro” permitem que se questione o eurocentrismo como padrão unificado, com as respectivas imbricações na vida prática: cultura, modos de pensar e de se vestir, parâmetros de beleza, decisões políticas, proposições históricas extremamente relevantes no Brasil, dentre outros marcadores; por sua vez o “Movimento Feminista” ao promover o debate acerca dos papéis desempenhados pelas mulheres, a opressão sofrida, bem como a reificação, ou seja, objetificação do corpo feminino até então tido como propriedade do homem, permite um estudo crítico das mensagens recebidas e naturalizadas na convivência diária, na mídia, música, literatura e outros variados ramos; promovendo, assim, avanços em torno da apropriação corporal e empoderamento feminino. (PEREIRA E THÉ, p. 172, 2019).

Assim, espaços e movimentos próprios e direcionados às mulheres negras se fizeram importantes e passaram a ganhar espaço; o acolhimento e aceitação do cabelo natural, sem uma longa busca por cabelos que sejam mais bem vistos socialmente vão muito além de uma simples questão estética. A aceitação do cabelo faz parte da busca, da compreensão da sensação de pertencimento à negritude, perceber a si mesma como bela em uma sociedade que condena os traços negróides é um ato político e também libertador.

Os movimentos sociais são definidos, através da literatura, como redes informais de interação entre uma pluralidade de indivíduos, grupos engajados que possuem uma identidade coletiva compartilhada (RODRIGUES, 2020). Esses movimentos foram e são importantes ao longo da história, sendo responsáveis por grandes conquistas sociais. Em virtude de um cenário de invisibilidade e

silenciamento histórico, mulheres negras encontraram nas redes sociais um espaço onde podem compartilhar suas histórias, compartilhar conteúdo, perceber uma rede de informações se formar (MALTA e OLIVEIRA, 2016).

Essa maior difusão do movimento feminista negro se faz viável em virtude da alta adesão das redes sociais, a internet é uma grande e importante aliada na ampliação desse movimento. As novas tecnologias disponíveis auxiliam tanto mulheres acadêmicas, quanto as não acadêmicas a difundirem suas idéias e suas experiências (RODRIGUES, 2020). Influenciadoras digitais são importantes nessa trajetória, pois mulheres em diferentes partes do país podem se conectar através das redes sociais; nesses espaços é possível, além do acesso direto a conteúdos audiovisuais e escritos, a indicação de profissionais negras que desenvolvem inúmeros tipos de atividades.

O ciberativismo ganha espaço não só como meio de discussões teóricas, mas com o amplo acesso a smartphones a internet se tornou também um aliado na divulgação de situações de discriminação, racismo e até mesmo de crimes. Além disso, o ciberativismo negro forma uma rede de apoio aquelas que passam por momentos de maior vulnerabilidade. Através do compartilhamento de ideais, muitas autoras negras tiveram sua representatividade aumentada; escritoras negras importantes e influentes passaram a ser mais lidas, mesmo por pessoas que não fazem parte de comunidades acadêmicas. As discussões relativas à raça, gênero e classe tomaram espaço e se popularizaram, principalmente a partir do momento em que as discussões tomam formatos mais inteligíveis e os conteúdos, os temas e conceitos são discutidos em espaços que possuem uma maior facilidade de acesso.

Perceber mulheres negras em sua totalidade é importante para compreender seus anseios, suas reivindicações. Collins (2021) traz como uma das definições de interseccionalidade a investigação a respeito de influências exercidas pelas relações de poder sobre as relações sociais, em sociedades que possuem como um de seus marcadores a diversidade. A interseccionalidade, então, consiste na sobreposição ou implicações concomitantes de sistemas opressivos, nesse sentido o termo tem sido bastante utilizado nas discussões relativas à raça, sobretudo quando essas discussões são acerca das vivências de mulheres negras (RODRIGUES, 2020).

Os movimentos sociais fazem uso da internet como uma ferramenta de difusão de suas ideias, pois as redes sociais, bem como outras mídias digitais se apresentam como uma boa maneira de angariar mais adeptos; essa busca por novos adeptos e o aumento da rede de pessoas envolvidas se faz importante visto que para uma efetiva mudança na esfera social é necessário que haja uma mobilização social considerável, levando as ideias dos movimentos a maior propagação (PEREIRA E THÉ, 2020). As redes sociais trazem de maneira bastante incisiva a sensação de liberdade e o encontro de pessoas que vivenciam situações similares às compartilhadas naquele espaço. Movimentos, encontros e marchas são organizados através das redes sociais e plataformas digitais, com o intuito de aproximar pessoas com experiências similares, assim concedendo maior visibilidade aos grupos em questão (PEREIRA E THÉ, 2020).

É importante destacar que a sensação de pertencimento dos indivíduos enquanto negros pode se dar através da aproximação de marcos identitários, como: o cabelo black, utilização de tranças, estampas, entre outros; mas também podem ser construídos através da incorporação dos indivíduos em movimentos sociais e/ou o estudo da cultura negra, suas origens (PEREIRA E THÉ, 2020). Além disso, essa aproximação e sensação de pertencimento a negritude concede

a população negra a elucidação de que fazem parte de uma parcela da população historicamente segregada e que demanda reconhecimento e reparações (PEREIRA E THÉ, 2020).

O estudo de perfis de Youtubers com conteúdo voltado a mulheres negras traz diversas discussões, como processos de aceitação, discussões sobre interseccionalidade e processos discriminatórios; entretanto existem canais que a partir de uma maior repercussão nas redes passam a ser também fonte de renda daquelas que estão a frente do canal, observar de que maneira essa característica influencia nos conteúdos divulgados e em como a estruturação das gravações foi, ou não, afetada diante da transformação dos canais em uma fonte de renda é um dos objetivos do trabalho em desenvolvimento.

4. CONCLUSÕES

As páginas a serem analisadas ainda encontram-se em período inicial de seleção, assim não é possível a apresentação de dados conclusivos. De maneira genérica é possível perceber que ao passo que os canais crescem e ganham maior repercussão passa a existir um maior tratamento na produção dos vídeos; outro ponto percebido inicialmente é que as produtoras de conteúdo ficam bastante vulneráveis aos comentários, sejam estes positivos ou ataques discriminatórios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Biotempo, 2021.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"**. São Paulo: Globo, 2008.
- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. 1 - 25, 2020.
- PEREIRA, Deborah Dias; THÉ, Ana Paula Gilfskói. A construção da identidade negra via movimento social: “marcha dos cabelos crespos” enquanto estratégia de enfrentamento do racismo. **Confluências - Revista interdisciplinar de sociologia e direito**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 169 - 183, 2019.
- MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, Niterói, n. 2, v. 16, p. 55 - 69, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. São Paulo: USP, 2004.
- RODRIGUES, Letícia Fernanda de Souza. Movimento de mulheres negras no Brasil: desafios da ressignificação de uma identidade feminina negra em períodos de pandemia. **Revista Contraponto**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 133 - 147, 2020.
- RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo feminista negro no Brasil:do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Minas Gerais, n. 34, p. 1 - 54, 2021.
- SANTOS, Genivalda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009
- SILVA, Andéa Franco Lima e. “Marielle virou semente”: representatividade e os novos modos de interação política da mulher negra nos espaços institucionais de poder. **Revista Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 52 - 75, 2019.
- ZANINI, Débora. Etnografia em mídias sociais. **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**. São Paulo, v. 1, p. 163 - 186, 2016.